

O ARQUÉTIPO NA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA

Cristiano Corrêa de Paula¹

RESUMO: Utilizando-se do conceito formulado por Jung sobre manifestação religiosa, este artigo discorre sobre como se dá a manifestação da fé e das crenças através de uma visão da psique humana. O que vem a diferenciar religião de religiões, que são formas de viver o contexto religioso pelo homem.

PALAVRAS-CHAVES: Manifestação religiosa; Fé, Arquétipo; Ego; Consciência.

ABSTRACT: *Being used of the concept formulated by Jung about religious manifestation, this article discourses on as he/she feels the manifestation of the faith and of the faiths through a vision of the human psyche. What comes to differentiate religion of religions, that are forms of living the religious context for the man.*

KEYWORD: *Religious manifestation; Faith, Archetype; Ego; Conscience.*

Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a sua língua, antes enganando o próprio coração, a sua religião é vã. (Epístola de São Tiago, cap. 1, ver. 26)

A manifestação religiosa para Carl Gustav Jung

A Manifestação Religiosa seria a capacidade de desenvolvimento do homem, como ser racional, de viver o fenômeno religioso e de torná-lo cada vez mais consciente. Sobre este aspecto, tomando como ponto de partida a teoria junguiana que nos dá por:

Manifestação da consciência religiosa a relação dos conteúdos psíquicos com o ego, na medida em que essa relação é percebida

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

como tal pelo ego(...). A consciência é a função ou atividade que sustenta a relação dos conteúdos psíquicos com o ego... Não é idêntica a psique pois a psique representa a totalidade dos conteúdos psíquicos, e estes não estão necessariamente, em sua totalidade, diretamente ligados ao ego, isto é, relacionados com ele de tal modo que assumam a qualidade da consciência.(Jung apud EDINGER, 1984: pg. 34).

O termo **manifestação da consciência religiosa** implica questões não só psíquicas mais principalmente históricas e sociais, tendo em vista que, para termos uma melhor compreensão desta temática, devemos nos reportar ao desenvolvimento histórico e psicossociológico de nossa civilização e de que forma era tida esta manifestação da consciência religiosa que hoje é tão necessária para o bom desempenho moral e psicológico do Homem.

Quando realizamos uma análise dos fundamentos da civilização ocidental, constatamos que ela se baseia em dois pilares principais: a tradição judaico-cristã e a cultura greco-romana. A primeira se constitui no alicerce da **fé** do homem ocidental e portanto está associada à sua religião, enquanto que a segunda estabelece as bases da **razão**, cujo desenvolvimento irá engendrar a filosofia e, posteriormente, a ciência.

O objetivo deste traçado histórico é averiguar o papel da **fé** e da **razão** para a constituição da **consciência religiosa** na sociedade tendo em vista que estas duas definições, (**fé e razão**), são na verdade duas necessidades humanas para uma melhor compreensão do nosso papel enquanto religiosos (ou estudiosos do fenômeno), que somos e que se atribui a necessidade da consciência do ser humano.

As pesquisas arqueológicas demonstram que desde os seus primórdios, o ser humano já manifesta uma predisposição para o culto ao sagrado. Face aos perigos e ameaças de um meio ambiente hostil e diante da grandiosidade da Natureza, o homem primitivo intuía a existência de um Ser que tivesse o domínio sobre esses fenômenos e, nesse sentido, ele buscava o seu auxílio através da execução de rituais de caráter mágico-religioso. Suas idéias, porém, eram bastante difusas e primárias e daí a confusão natural que se fazia entre o Criador e as criaturas, que iria desembocar num politeísmo cultivado de superstições e misticismos, que hoje a ciência tenta descaracterizar.

Por volta de 2000 a.C., as mensagens dos profetas ecoam através dos tempos e falavam de um Senhor, que exige temor e respeito, mas que também demonstra misericórdia para aqueles que se afastam do caminho da iniquidade.

Da mesma forma que se vivenciava a experiência do sagrado, o homem dos tempos antigos buscava também uma explicação para a questão da origem do Cosmos; todavia por não ter ainda um raciocínio desenvolvido, ele acabava criando narrativas fantásticas e mirabolantes, envolvendo os elementos da Natureza, as quais vieram a compor os diversos mitos conhecidos.

Mas em torno de 600 a.C., quando iniciava o cativeiro dos judeus na Babilônia, a estrela de um povo, habitante de península Ática, se elevava no horizonte: eram os gregos, cuja habilidades eram a navegação e o comércio. Foram eles que desenvolveram, através de suas profundas e ponderadas reflexões, o pensamento lógico e racional que viria a ser o fundamento da filosofia, que significa "**amor ao saber**".

E assim como os hebreus haviam atingido uma altura nunca antes alcançada no campo da **fé**, os gregos fizeram o mesmo no campo da **razão**, elevando-se do mundo sensível do pensamento concreto ao mundo inteligível do pensamento abstrato. O qual é bem representado pelo modelo típico do "mundo das idéias", de Platão.

Por volta do início da era cristã, o mundo era em grande parte dominado pelos romanos, é nessa época que surge a figura de Jesus de Nazaré, trazendo junto com ele o cristianismo que conquistaria corações e mentes e viria a se tornar a religião oficial do Império, sob o imperador Teodósio, em 381 d.C.

Dando um salto na história e tratando agora do século XIX que assistiu a coroação dos esforços empreendidos pelo intelecto humano na busca do conhecimento, como triunfo definitivo do homem racional, que exibia aos cépticos os troféus representados pelas conquistas da Ciência.

Assim, já não havia mais motivo para temer a eclosão de atitudes irracionais por parte da espécie humana. Porém, uma vez chegado o século XX, e após a terrível experiência do totalitarismo, o homem se encontrava novamente abalado em seus alicerces, isto, apesar da ciência prosseguir em seus avanços.

Depois de termos demarcado todo o fator histórico poderemos, agora, compreender a importância da Consciência Religiosa, pois ao longo da história há um movimento pendular, no qual ora predomina a **fé** e ora a **razão**, e esse

deslocamento de um extremo a outro é que se constitui na raiz do problema, na medida em que o domínio exclusivo da *fé* torna-a cega por lhe faltar a luz da razão, enquanto que a onipotência da **razão** torna-a orgulhosa e prepotente por carecer do fundamento da **fé**.

É de extrema importância, portanto, que esses dois fatores (**fé e razão**) estejam ambos presentes, para que possam nortear a vida, pois são estes que vão dar constituição a

Manifestação da Consciência Religiosa.

A partir daí, ele pode ser usado para designar o conhecimento que existe não só em relação ao objeto, mas principalmente ao conhecimento de *Si mesmo*, e é assim que todo costume das religiões devem ser conservados, afastando-se da conformidade com os costumes estabelecidos e as leis não escritas, herdadas dos ancestrais e que faz parte desta relação e que se constitui no ser humano.

A importância da religião é elementar, e mais elementar é o discernimento individual do que se deve ser uma busca que parece estar "fracionada" em pequenas partículas, o que quer dizer que o indivíduo para passar por este processo necessita estar muito consciente do que é ser *espiritualmente religioso* e manifestar-se cada vez mais consciente e ainda a par de todo este processo psíquico.

Para Jung, a religião é um processo bem mais complexo e perene, não se deve simplesmente ser explicado e mensurado, deve ser vivido e sentido. É trazido por experiências antepassadas pelo **Inconsciente Coletivo** e transfigurada em atitudes cotidianas, mas principalmente em sonhos, atos religiosos, em diálogos, enfim... Quando um indivíduo entra em estado de **transe**, por exemplo, Jung diz que este está trazendo a tona o **inconsciente coletivo** que agora faz parte do consciente pessoal e que pode ser analisado mais facilmente.

O ser humano possui muitas coisas que nunca adquiriu por si mesmo, mas que herdou de seus ancestrais. Não nasce tabula rasa mas simplesmente inconsciente. Traz ao nascer sistemas organizados especificamente humanos e prontos a funcionar, que deve aos milhares de anos da evolução humana... (JUNG, 1940)

A eficácia do *conhecer-se a si mesmo* é extremamente delicada e consiste num processo dinâmico muito mais pessoal do que coletivo. Como bem coloca Jung, são

sistemas herdados que precisamos apenas vivenciá-los sem precisarmos especulá-los.

As faculdades psíquicas do homem fizeram dele um ser místico e este, por conseqüência, passou a tomar atitudes religiosas. O empenho destes conceitos analíticos se notabiliza por nomes distintos. Krishna, na milenar Índia, legou os princípios morais e religiosos que não só influenciaram o mundo antigo como também o mundo moderno, através do arquétipo; Zoroastro, na Pérsica, criou leis elevadas, que nos chegam através do arquétipo; Moisés, no Oriente Médio, recebeu a Lei Maior - a de todos os tempos, que se transfigura pelo arquétipo; Jeremias, 650 a.C., trabalhou pela Paz. Buda, Lao-Tse, Confúcio, Sócrates concorreram para o bom êxito de tais elementares arquétipos através da Religião.

Entretanto, devemos fazer uma ressalva importante, diferenciando religiões e Religião. Religião quer dizer aliança com o sagrado (Deus), religiões são apenas rótulos, institutos, tão plausíveis de falhas quanto seus responsáveis ou líderes. Entre outros aspectos Religiões, Práticas religiosas ou seitas que concitam a discriminação, a repulsa, à afronta aos Símbolos, as Imagens. Estas não estão de acordo ao próprio conhecimento de Si, pois buscam algo fora de si e que na verdade estão em nossa própria Psique, que se corresponde diretamente aos arquétipos e imagens herdadas dos nossos ancestrais, mais próximos ou não. Cabe a cada um esta busca de seus arquétipos que na verdade são individuais e necessários a todos, religiosos ou não.

Referencias Bibliográficas

- EDINGER, Edward F. **A Criação da Consciência**. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.
- ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno**. São Paulo, Editora Mercuryo. 1992.
- _____. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o mágico-religioso**. São Paulo, Editora Marins Fontes, 1991.
- GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung: O Homem Criativo**. São Paulo: Editora FTD Paulo, 1997.
- JACOB, Jolandi. **Complexo Arquétipo Símbolo: na psicologia de C. G. Jung**. 9ª edição; São Paulo, Editora Cultrix, 1990.
- JUNG, Carl Gustav. **Civilização em Transição**. Petrópolis, Editora Vozes, 1993.
- _____. **Aion - Estudos Sobre o Símbolo do si-mesmo** - 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. **Estudos sobre Psicologia Analítica** - São Paulo: Editora Vozes, 1993.
- _____. **Psicologia da Religião Ocidental e Oriental**. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 1988.